

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

DISPUTAS ENTRE A DIREITA: UMA ABORDAGEM PARA O ESTUDO DE INTEGRALISTAS E OLIGARQUIAS

Eliziane Gava

Mestre em História (UFSC)

gava.eliziane@gmail.com

As direitas entram em conflitos políticos entre si para manutenção do poder institucionalizado e expõem fraturas no seu seio de suas relações. Para adentrar nesse campo de análises propõe-se o estudo de caso dos integralistas e das oligarquias na década de 1930 no oeste paranaense, mais propriamente na região de Guarapuava/PR. Pouco abordados estes conflitos pela literatura, objetiva-se entender suas movimentações de distanciamentos e aproximações, principalmente suas oposições que atingem da vida pública à vida privada. Para isso, utilizou-se o arcabouço teórico metodológico da História Política, Regional e Social, através de jornais locais, processos crimes e dossiês do Departamento de Organização Política e Social (DOPS). O caráter antioligárquico e conservador dos integralistas pode nesse cenário ter criado um embate com as oligarquias locais de longa data, autoritárias e liberais.

Palavras-chave: Direitas; Integralismo; Oligarquias; Conflitos políticos.

Nos últimos anos, vivemos mundialmente o avanço do que se tem chamado extrema direita (LÖWY, 2015), em torno de elementos conservadores, fascistas e autoritários após um período de democracias relativamente estáveis. No Brasil, uma grande coalização entre militares, evangélicos e ruralistas, com o apoio da direita mais liberal, se formou para a derrubada do poder de um partido mais à esquerda, o Partido dos Trabalhadores (PT). Contudo, podemos observar os setores dessa grande coalização da direita, após conquistarem o poder, em movimento de discordâncias derivadas de suas próprias fraturas e multiplicidades de vertentes.

Com a emergência das repúblicas na contemporaneidade e seu modelo político, baseado na democracia representativa, geram-se disputas pelo controle deste poder institucionalizado em torno do que os federalistas na Constituição dos Estados Unidos chamaram de o problema das facções, prioritariamente burguesas (LIMONGI, 2001, p. 243-287). Com a Revolução Francesa (1789) aparecem as denominações em torno de uma direita e uma esquerda no espectro político, derivadas não só do espaço físico em

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

que sentaram as frações dos Girondinos e Jacobinos, bem como, de suas posições teóricas e práticas em torno das desigualdades sociais, já levantadas pelos iluministas, principalmente pela obra de Rousseau. Para Bobbio (1995) esta visão tradicional de ver as movimentações políticas ainda permanece atual, pois é uma fratura fundamental acerca da ideia de igualdade, enquanto para a direita as desigualdades são naturais, para a esquerda elas têm causas sociais.

Mais tarde no século XIX, segundo Duverger (1970), as facções, tendências, células, grupos ou associações seriam entendidos como partidos políticos. Por sua vez, com a II Internacional Socialista é que o movimento operário começará a disputar esse poder via partido político como organização das massas (BOBBIO, 1995) e a ideia de esquerda e direita passará a ser aplicada também para os partidos. No século seguinte, haverá uma complexificação com o alargamento do eleitorado e suas dinâmicas de alianças, coalizões e oposições no século XX (PASQUINO, 2002).

Para uma vertente da Ciência Política, a divisão entre direita e esquerda é estabelecida em termos de ideologias, sistemas de crenças e modelos sociais de clivagens para análise dos movimentos e partidos políticos, desde a obra clássica *Party Systems and Voter Alignments* de Seymour Martin Lipset e Stein Rokkan (1967), em torno de fraturas essenciais na sociedade: Igreja Católica X Estado; Centro X periferias – elites nacionais X locais; rural X urbano – proprietários de terra X indústria; burguesia X proletários. A partir delas, seria possível inferir características em torno das direitas e das esquerdas.

No que diz respeito às direitas, o conceito conservadorismo estaria ligado às estruturas feudais e à Igreja Católica, surgido da dialética com o progressismo no processo de laicização europeia, em que a sociedade se torna o lugar de autorrealização do ser humano. Um dos principais expoentes é Edmund Burke com suas proposições de não afastamento “[...] do ideal de um universo moral estável e ligado a um sistema de valores transcendentais” (BONAZZI, 1998, p. 244). Já o elemento liberal seria resultado do progressismo iluminista ligado às estruturas urbanas e industriais, mas que no embate sobre as desigualdades sociais se situa mais próximo do conservadorismo, no sentido de defender a manutenção da propriedade privada.

Os elementos fascistas, no entanto, estariam ligados às estruturas sociais nacionalistas do imperialismo do século XIX, sendo antiliberal e, portanto, conservador,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

no sentido de, não encontrando mais terreno na transcendência para justificar a moralidade, nega a autonomia do indivíduo e subtrai a responsabilidade dele influir e desenvolver o poder através da coação política (BONAZZI, 1998). Contudo, se mantém capitalista e vê as desigualdades sociais de forma naturalizada, assim tenta encontrar uma terceira via, por meio do corporativismo e se coloca como anticomunista. (SACCOMANI, 1998). Comum a todos esses vieses, o autoritarismo se forma inicialmente, como uma reação ao liberalismo e à democracia em prol da ordem e hierarquia na versão católica contrarrevolucionária de Joseph de Maistre (1753-1821) e de Bonald (1754-1840), depois compactua com o liberalismo no choque com as propostas socialistas e com os nacionalismos do século XIX, como se apresenta na formulação da monarquia prussiana (STOPPINO, 1998).

Nesta perspectiva, as alianças efetivadas dentro do campo da direita não significam homogeneidade, estão perpassadas por disputas internas com pontos de distanciamentos, aproximações e assumindo novas formas, em um processo dialético no choque de tendências, conforme as clivagens de suas estruturas sociais. De acordo com o Bobbio (1994), a ideia de liberdade passaria a balizar moderados e extremistas dentro do espectro ideológico de direita, na ponta estariam os liberais, depois um centro-direita com libertários inigualitários como os liberais conservadores e uma extrema-direita com autoritários inigualitários como os fascistas.

Em outra abordagem, da forma como entende Gramsci (1980, p. 24), estas frações políticas, ocorrem porque os partidos e as demais movimentações políticas da sociedade civil organizada, tal como estavam depois da expansão do parlamentarismo a partir 1848, devem ser entendidos como partes da estrutura social de classes, em meio à questão da desigualdade social. Sobretudo, como grupos sociais com interesses econômicos, em que a ideologia não é um sistema de crenças, mas aquilo que mascara as relações de exploração. E, os nuances liberais, conservadores, autoritários e fascistas dela influem para a formação dos níveis de consciência de classe, o que depois é denominado como “classe em si e para si”(WOOD, 1998).

Nesse sentido, entender as disputas que os setores de direita (onde as desigualdades sociais são vista de forma natural) estabelecem entre si na busca pelo domínio do Estado, contribui para pensarmos e entendermos as fraturas existentes no seu

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

seio derivadas dos elementos liberais, conservadores, fascistas e autoritários, bem como, suas movimentações, embates e mecanismos de perpetuação no poder. Para isso, trazemos um estudo com o objeto de pesquisa da História Regional na década de 1930, entre 1935 e 1938, mais especificadamente, os conflitos políticos entre a Ação Integralista Brasileira (AIB) e as oligarquias na região oeste paranaense, através do maior município da época em aspectos territoriais do Estado que abrangia desde o Centro-Oeste até o Noroeste, Guarapuava. Através do arcabouço teórico-metodológico da história social com a utilização de fontes periódicas, processos crimes e prontuários do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS).

Integralistas e Oligarquias

No entreguerras, o Brasil passou por profundas mudanças desde a chamada Revolução de 1930, com a destituição das oligarquias vigentes até a efervescência das propostas políticas ao longo desta década e o golpe de Estado de Vargas em 1937. Nesse âmbito, surgem uma gama de agitações políticas em torno da disputa pelo poder institucional. Se iniciavam as periodizações entre uma República Velha e uma República Nova, uma Primeira e uma Segunda República (BORGES, 2007, p. 159-168). Para Pandolfi (2013), seriam anos de incerteza e cheio de ambiguidades, com a emergência de uma pluralidade de projetos políticos que vão desde conflitos oligárquicos, atuação dos tenentes, agitação das camadas populares, antifascismo da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e o fascismo da AIB.

As oligarquias teriam sido grupos políticos hegemônicos no poder conhecidos por se consolidarem após a Proclamação da República em torno da produção agroexportadora cafeeira de São Paulo, em aliança com Minas Gerais, a partir da obra de Celso Furtado *Formação Econômica do Brasil* de 1959 e especificadamente, do debate intelectual estabelecido nas décadas de 1960 e 1970. Boris Fausto (1972) irá aprofundar essas questões, no sentido de perceber a existência dessas estruturas regionais de classe em formação em todos os Estados. Em contraposição ao regime monárquico, esses grupos eram entendidos como liberais, na medida em que defendiam o parlamentarismo presidencialista e o federalismo. Entretanto, tinham um sistema político autoritário com

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

cerceamentos do poder de voto, conhecido como coronelismo através de práticas clientelísticas de troca de favores entre a população e a figura do coronel, juntamente com o poder estadual e nacional, a partir da obra clássica de Victor Nunes Leal de 1949 “Coronelismo, enxada e voto” (2012). Este sistema permitia o controle do sistema democrático de forma a influir nos resultados e garantir o revezamento das oligarquias no poder.

O grau de conservadorismo aparece na medida em que, se utiliza o poder para conduzir a vida dos indivíduos e nega sua autonomia, ao estabilizar o universo moral de cada um. As disputas pelo poder nacional irão gerar conflitos entre estas oligarquias, sobretudo pelo fortalecimento de movimentos militares dissidentes antioligárquicos, como o tenentismo de base mais progressista ao defender “a educação pública obrigatória, a reforma agrária, a adoção de voto secreto” (PANFOLFI, 2013, p. 16). Por sua vez, este setor se aliará com as oligarquias dissidentes em torno do Rio Grande do Sul, a fim de efetuar o movimento que ficou conhecido como Revolução de 1930, entendida no debate dos anos de 1950 como uma revolução burguesa no Brasil (SODRÉ, 1975), depois nas décadas de 1960 e 70 como um rearranjo das oligarquias (CARONE, 1976, p. 64; 1974, p. 162), um Estado de compromisso dos setores (FAUSTO, 1970) e uma revolução dos vencedores sobre a classe dos trabalhadores (VESENTINI; DECCA, 1976).

À esquerda das oligarquias surgirá a ANL e à direita A Ação Integralista Brasileira (AIB). Além dos conflitos políticos entre estes dois movimentos, mais conhecidos pela historiografia, os integralistas se envolvem em embates com as oligarquias a fim de alcançar o poder. Pouco explorados, estes conflitos entre a direita, a não ser do ponto de vista da relação Vargas com o Integralismo, classicamente conhecido pela metáfora “namoro, casamento e separação” (TRINDADE, 1979, p. 102), eles pareceram se exacerbar nos interiores, onde o movimento comunista não existia e esse novo grupo político era elemento principal nas disputas de poder. Essa é uma das hipóteses trazidas pelo estudo de caso, envolvendo integralistas e oligarquias no oeste paranaense, mais especificadamente a região de Guarapuava, entre 1935 e 1938.

A Ação Integralista Brasileira foi fundada em 1932 como resultado de uma Sociedade de Estudos Políticos (SEP) em meio à conturbação da chamada Revolução Constitucionalista, caracterizada como uma reação das oligarquias paulistas em meio à

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

perda de poder desde 1930, os quais exigiam novas eleições e a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte. Funda-se como uma via frente à reação paulistana e o governo provisório de Vargas, pois mesmo Plínio Salgado, idealizador e que veio a se tornar o líder do integralismo, com raízes nas oligarquias paulistas dada sua atuação como Deputado Estadual pelo Partido de Representação Popular (PRP), olha com bons olhos o movimento de 1930, porém como participante das Legiões Revolucionária almejava outra solução política para o país. Irá encontrar no fascismo italiano, sobre o qual já deferia elogios quando era redator do *Jornal Correio Paulistano* na década de 1920, uma inspiração para seu projeto através de sua visita à Mussolini em abril de 1930 (TRINDADE, 1979).

Junto aos lemas utópico de 1930 de destituição das oligarquias e do coronelismo, o Integralismo se formará diante das desilusões com o governo provisório, não no sentido progressista de defender a democracia ampla, mas de defender a destituição das oligarquias e todo seu sistema representativo em torno do parlamento e do federalismo. Em um primeiro momento, segundo Carone (1974, p. 194-231), foi mais antiliberal, no sentido de uma reação conservadora de defesa da volta de um certo poder centralizado, não a monarquia apesar de atrair simpatizantes desta e sim, um Estado Integral com um único líder de poder de origem natural/emanado, único partido de massas e um sistema de colaborações corporativa.

Esse sistema político não era algo novo, fazia parte de proposições que estavam surgindo na Europa em reação não só à experiência do liberalismo, como também, à experiência do comunismo, se colocando como contrarrevolucionário em aversão à socialização dos meios de produção e diminuição das desigualdades sociais, portanto anticomunista. A AIB se inspira na experiência Italiana e tem influência direta, bem como, indireta. Desenvolve uma certa simpatia, identificação, solidariedade, contato e circulação com os fascismos ao redor do mundo entre 1932 e 1938 (BERTONHA, 2001, 2008, 2013, 2014; BARBOSA, 2007; CRUZ, 2004; PASCHOALETO, 2011).

O sistema do corporativismo parece substituir a democracia e funcionava como se o Estado fosse um grande corpo social, em que cada parte deveria exercer sua função dentro da supremacia do interesse nacional, diferente do tradicional/católico, em que as corporações eram pensadas como supremacia do bem comum pela união de todos os

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

setores acima dos individualismos. Ambos se fundamentam na manutenção da hierarquia e princípios de obediência (INCISA, 1998). No integralismo, o teórico Miguel Reale propõe um corporativismo que se diz um pouco mais democrático, nas tentativas de se distanciar dos fascismos. Por sua vez, o autoritarismo no fascismo com seu princípio hierárquico passa a ser instrumento de mobilização total e não de ordem, com objetivo de promover uma luta contra as outras nações (STOPPINO, 1998).

Apesar de ser uma reação às instituições políticas liberais, os fascismos se mantiveram capitalistas, no entanto, um capitalismo sem a livre iniciativa de mercado e com a intervenção total do Estado na economia, da forma de economia planejado e com objetivos imperialistas contra os demais países. Konder (2009) define como uma fase do capitalismo monopolista em crise, reação dos setores mais reacionários do mercado financeiro a fim de garantir novamente a estabilização capitalista. No caso integralista, o imperialismo pode ser centrado no sentido de coordenar outras nações latino-americanas, como no caso sugestão de uma Confederação dos Estados Integralistas (BERTONHA, 2014, p. 105-108). Contudo, segundo Chasin (1999), acabavam por assumir sua dependência como país economicamente subordinado e aceitar ser uma espécie de celeiro do mundo, no fornecimento de matérias primas, contra a industrialização e o cosmopolitismo. Por isso, o autor define como uma forma de regressividade no capitalismo hiper tardio.

Na literatura, os fascismos podem aparecer como um movimento que atraiu predominantemente a pequena burguesia ou a classe média, devido ao caráter reacionário dessa classe espremida entre os movimentos dos trabalhadores e os interesses da burguesia (SACCOMANI, 1998). Chauí (1978) teoriza esta presença no integralismo e aponta um discurso como polo de atração para profissionais liberais e uma certa elite intelectual caracterizada historicamente os donos do saber, capazes de moralizar os costumes políticos. Essa classe média marginalizada pelo poder das oligarquias, com a dita Revolução de 1930 ganha espaço político e teria se vinculado à AIB.

Sendo o valor supremo, a nação, os fascismos se apoiam num nacionalismo de matriz conservadora na busca de uma raça pura no caso alemão e no caso italiano, uma comunidade estagnada em função de uma história única eurocêntrica/branca/civilizada com raízes no Império Romano (SACCOMANI, 1998). O integralismo, na necessidade

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de responder a esta pergunta formula através das teorias do branqueamento, da miscigenação e da democracia racial, um homem nacional síntese na figura do caboclo, a representar uma unidade nacional estanque derivada da absorção dos elementos afros e indígenas, pensados como inferiores, por meio da mistura com o europeu branco, uma certa limpeza étnica. Tal integração se daria por valores cristãos de solidariedade e harmonia. Apesar de se pontuar diferente da segregação racial dos fascismos europeus, mesmo tendo Gustavo Barroso como um intelectual antisemita ao culpar os empréstimos aos judeus pela dívida externa adquirida desde a independência, segundo Cruz (2004), a intolerância aparece como princípio norteador ao verem o índio e negro como raças a serem melhoradas.

O elogio ao caboclo, ao rural, aos interiores no sentido de um nacionalismo original remete ao movimento vanguardista Verde-Amarelo Anta do modernismo, o qual Plínio fez parte em 1922. Dotado de um nativismo conservador, de base civilizatória, em que os caboclos branqueados “desbravadores” e herdeiros dos bandeirantes e da colonização luso-brasileira devastam a natureza e constroem uma agricultura monocultora. Para Vasconcellos (1979), trata-se de uma fantasmagoria utópica a fim de definir um nacionalismo e se tonar um país autônomo, diante de um contexto econômico de dependência, uma ideologia curupira.

O integralismo parece ter apresentado elementos mais conservadores do que o fascismo europeu tradicional, na medida em que, se apresenta como um Estado não laico e com a Igreja católica como religião oficial. Sobre isso, Souza (1989) identifica uma raiz no conservadorismo católico do início do século XX, uma certa reação à perda de poder político com a laicização do Estado devido à Proclamação da República, dotado de um tomismo do bem comum e contra a plutocracia. Embora também apresentou um imperialismo em termos de dominação cultural aos demais países da América Latina, em termos econômicos se coloca contra a industrialização e faz um elogio nostálgico às pequenas unidades familiares, mesmo entendendo o papel do latifúndio para cumprir com a função de celeiro do mundo. E, apesar de flertar com as teorias da antropologia cultural em torno da mistura racial se distanciando das teorias do evolucionismo cultural que a ideia de raça pura parecia derivar, um tanto menos conservador que os fascismos europeus.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

No oeste paranaense, a AIB fundou seu núcleo em fevereiro de 1935, após empreender uma política de massas para os interiores (ATHAIDES, 2012). Participa das eleições municipais deste ano com chapa única, faz frente às oligarquias locais, de forma a defender o Estado Integral em oposição a democracia. Tendo em vista o seu registro como partido político em 1933, (Carone, 1974, p. 155-336), a fim de alcançar o poder através da via eleitoral e já participar da Assembleia Nacional Constituinte. Por sua vez, tendo perdido as eleições municipais em Guarapuava, passa a apoiar a coligação Frente Única do Partido Social Democrático (PSD) do prefeito em atuação, Arlindo Ribeiro com o Partido Social Nacionalista (PSN), do Cel. Vilaca, por meio do Governador do Estado Manoel Ribas, em uma briga judicial contra o perdedor da eleição por um voto de diferença, que acaba assumindo a prefeitura, Generoso de Paula Bastos, do Partido Municipal Independente (PMI) até junho, quando a Frente Única ganha o processo (SILVA, 2007). Ambos integrantes da Frente Única parecem fazer parte das oligarquias em ascensão após a chamada Revolução de 1930, visto que no jornal local o resultado da eleição é comemorado como uma conquista da “Revolução de Outubro” com sua nova legislação eleitoral (A CIDADE, Guarapuava, 13 out. 1935, p. 1).

Nesse sentido, parece mais interessantes para os integralistas apoiarem as oligarquias em ascensão e que estariam ainda ligados aos lemas utópicos de destituição do coronelismo. Contudo, como uma vanguarda intelectual, uma espécie de classe média com raízes no latifúndio pecuarista do tropeirismo (SILVA, 2010), já havia entrado em conflito com as essas oligarquias que ganharam espaço desde os acontecimentos de 1930, principalmente na figura do Cel. Vilaca. Ele fazia parte do movimento revolucionário na região em torno do periódico O Liberal e havia sido nomeado nesta época como coronel pelo Major tenentista Plínio, frente à deposição do governador do Estado do Paraná, que representava os acordos oligárquicos até então atuantes.

Entretanto, em 1931 o Jornal O Combate passa a ser editado, para mostrar os descontentamentos com os rumos políticos tomados pelo Cel. Vilaca, no que diz respeito ao abandono dos lemas de 1930. Justamente, será editado por um dos que se tornaram líderes do Integralismo em 1935, o professor Amarílio Rezende. Logo este será transferido para outra localidade, retornando à cidade em 1932, quando um novo Interventor assume o poder no Estado do Paraná, Manoel Ribas (SILVA, 2007).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Segundo Carone (1974, p. 288-293), a unidade entre as oligarquias que ascenderam ao poder e os interventores tenentistas permanece até 1931, porque acreditavam poder assumir o poder estadual. Com a Revolução Constitucionalista de 1932, de acordo com o mesmo autor Carone (1974, p. 300-343), as oligarquias anteriores não poderiam ser mais ignoradas e há uma queda no poder dos tenentes, sendo assim, o novo Interventor Manoel Ribas tenderá a desfazer a nomeação à prefeito de Vilaca e trazer de volta Amarílio como crítico das oligarquias ascendentes. No entanto, o caminho que Amarílio tomará será de ser um dos líderes do integralismo depois em 1935, já com uma oposição marcada às oligarquias que ascenderam o poder.

No que diz respeito à relação entre os integralistas com as oligarquias em geral a nível nacional, ela já não será muito amistosa devido a sua defesa dos lemas utópicos da chamada Revolução de 1930 de destituição das oligarquias e do coronelismo, depois em 1933 e 1934 dada seu ataque a continuidade desses elementos com as oligarquias em ascensão, de acordo com CARONE (1974, p. 215), os setores liberais e as classes dirigentes vão pedir o fechamento da AIB. A hostilidade com outras lideranças é comum, até conflitos sangrentos: o primeiro em 1934 e o segundo em fevereiro de 1935, em confronto com a polícia. Posteriormente em 1935, é promulgada a Lei de Segurança Nacional em abril e não só o operariado, mas também as classes médias terão suas ações cercadas. Na Câmara Federal, a minoria parlamentar oposicionista e mais liberal pedirá novamente o fechamento da AIB em novembro.

Os integralistas deferem críticas ferrenhas a ambas às oligarquias, envolvidas em seus conflitos intraoligárquicos, apesar de tender mais suas alianças para as que estavam em ascensão, sobretudo porque viam neles um aliado na derrubada desses elementos. A oposição parecia ser recíproca, de modo que, as oligarquias mais liberais e próximas do federalismo, bem como, as que tendiam ao governo centralizado de Vargas, também não tinham simpatias pelos integralistas. No Paraná, o interventor Manoel Ribas vai se utilizar da (LSN) para proibir atividades integralistas em setembro de 1935 como o uso da camisa integralista, as reuniões livres em locais públicos, a propaganda partidária, a exibição de filmes e as excursões ou caravanas. No ano seguinte, em 1936, os núcleos serão proibidos no Estado (ATHAIDES, 2012). Em Guarapuava, há um silêncio na documentação sobre sua existência esse ano, matérias esporádicas sobre o integralismo são publicadas no

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

jornal local A Cidade, entretanto, a menção a uma Secretaria Municipal de Propaganda em Guarapuava no dia 30 de agosto deste ano ao reproduzir uma carta de Plínio à Salgado evidencia que as atividades podem ter encontradas formas de continuar.

Com a reabertura das atividades em 1937 com fins eleitorais, o Integralismo lança o nome de Plínio para a presidência e passa a ter um anticomunismo mais forte, da mesma forma que a política varguista a fim da manutenção dos estados de guerra e para barrar a reorganização eleitoreira das oligarquias. Para Carone (1974, p. 342-376), isso significa o caráter negociador que o Integralismo estabelecia com Vargas contra os liberais oligarcas e os aliancistas. No jornal Folha do Oeste, em Guarapuava as expressões passam a ser utilizadas na página integralistas “caça aos comunistas”, “traição dos liberais” e “extremismo integralista”, principalmente os meses de julho, agosto e setembro que antecedem a divulgação do Plano Cohen.

Evidentemente que o caráter combativo às oligarquias com expressões de ofensas morais, pode ter acirrado as disputas já existentes entre integralistas e oligarquias locais. Mesmo a AIB sendo declarada constitucional pelo Tribunal Superior Eleitoral em 26 de setembro de 1937, em outubro a LSN será usada pelas oligarquias locais em outubro para prenderem algumas lideranças pelo uso do uniforme e pela organização de uma caravana para outro distrito, a partir de uma portaria da chefia policial do estado em abril. (PROCESSO crime, nº 937.2.2295). Os integralistas acusaram as autoridades de polícia de espancamento de “natureza leve” e na página integralista local, usavam as expressões “algozes”, liberalismo “mentiroso” e “truculento” (FOLHA DO OESTE, 8 out.1937, p. 3).

Com o golpe de Estado de Getúlio e a AIB tornando-se Associação Brasileira de Cultural (ABC), os integralistas não deixam de acreditar na sua Revolução Espiritual e no papel vanguardistas que tinham. O que vai ser escalonado quando do assassinato do chefe municipal Davi Moscalesque em fins de janeiro de 1938. Apesar dos integralistas insistirem na tese de perseguição política, o réu utilizará como álibi a defesa da honra, logo que Moscalesque estaria “requestando” sua esposa. (FOLHA DO OESTE, 13 fev.1938, p. 3, PROCESSO CRIME, 939.2.2440). A última atuação dos ex-integralistas será na tentativa de tomada da Prefeitura Municipal em março de 1938, concatenado com

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

o movimento nacional conhecido como Intentona Verde, os quais foram fichados pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS).

Considerações Finais

Muito se comentou no início do século XXI acerca do eclipse do uso dos conceitos de esquerda e direita, porque com a queda do muro de Berlim e o fim da União Soviética, acreditava-se que a fratura teórica em torno das desigualdades sociais, já não mais existia e assistíamos o triunfo do liberalismo, bem como, a aceitação que desigualdades sociais são pertinentes ao processo (SEGRILLO, 2004; BOBBIO, 1995). Entretanto, os tempos mudaram e com a crise do capitalismo desde 2008, posteriormente a crise do neoliberalismo e a ascensão de extremas-direitas, fez o uso desses conceitos continuarem a terem sentido tanto no mundo acadêmico, quanto de uso comum na sociedade em geral.

Sendo o ponto chave de partida a questão da igualdade social, as direitas desde a Revolução Francesa se fracionam em diversas tendências e não de forma estanques. Em uma dialética com os opostos, se reconstroem e adquirem novos sentidos, conforme a materialidade da conjuntura histórica (GRAMSCI, 1980). Dessa forma, adquirem nuances liberais de progressismo, de liberdade econômica e propriedade privada, nuances conservadores ligados a uma reação ao progressismo, portanto, colocando-se como antiliberais, perspectivas autoritárias de defesa da hierarquia e ordem e mais recentemente, segundo as teorias menos singularizantes que reduzem os fascismos apenas à experiência Italiana e/ou Alemã na primeira metade do século XX e mais generalizante, no sentido de entender características comuns fascistas que podem se apresentar em diferentes conjunturas históricas, como o antiliberalismo, o anticomunismo, o nacionalismo, o partido de massas, o corporativismo e uma tendência de competição entre as nações, uma forma de imperialismo.

No Brasil da primeira república, logo após um longo período de regime monárquico, se consolidam via direita grupos liberais de variadas tendências mais conservadores, menos conservadores a gerar conflitos intraoligárquicos; grupos reacionários sedentos pela volta da monarquia e grupos antiliberais no geral, como também, elementos conservadores, autoritários e nacionalistas. Contudo na década de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

1930, as conturbações da chamada Revolução de 1930 acirraram não só as disputas entre as oligarquias pelo poder, mas também, a participação das classes médias via os tenentes e o Integralismo, sem esquecer do espaço que o movimento operário ganhou como órgãos de pressão e agitação política antifascista.

Ao longo da década de 1930, as oligarquias se recolocaram no poder dados seus conflitos, e o Integralismo parece estar sempre mais próxima da vertente autoritária de Vargas ao estabelecer, o que ficou conhecido pela literatura como o namoro e depois separação com Vargas. Por sua vez, com as oligarquias, por mais que no início seja de aliança com as oligarquias em ascensão na esperança que se tornassem antiliberais a ponto de apoiar o projeto do Estado Integral, a relação tende a se tornar conflituosa. O ataque às instituições políticas liberais, extrapolando a forma da experiência que se estabeleceu no Brasil com o federalismo e as práticas autoritárias coronelísticas, para todas as instituições da democracia representativa, podem ter criados confrontos com as oligarquias. Não estabelecendo, ao que parece, nenhum tipo de acordo com elas e participação no futuro Estado Integral.

Migra-se, então, para um campo bem mais conservador de defesa da moralidade transcendente vinculada à Igreja católica, de um corporativismo de obediência à nação, a hierarquia como mobilizadora de toda a nação em um partido de massas e uma nacionalidade nativista de raízes conservadoras de elogio aos interiores, à cultura luso-brasileira colonizadora, se colocando contra a industrialização, ao cosmopolitismo e a diversidade cultural.

No oeste paranaense, assim como na conjuntura nacional, a LSN será utilizada para cercear as atividades dos integralistas, culminando em prisões, tortura e o assassinato do líder da AIB local. As fraturas entre integralistas e oligarquias se apresentam na medida em que, os doutrinários do sigma se tornam mais conservadores que os próprios fascistas europeus, nos quais se inspiram, recebem ajuda e estabelecem intercâmbios. Se movimentam em direção favorável a Vargas por tenderem mais a sua política centralizadora e de coação da democracia com a LSN, como braço direito na luta anticomunista. Embora com o Estado Novo, o Estado de compromisso tenha sido fechado com as oligarquias e os integralistas tenham sido colocados na ilegalidade.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Ao que parece, as alianças entre a extrema-direita e a direita mais moderada ou liberal tendem a se estreitar quando os elementos mais conservadores dos primeiros conseguem dialogar com os elementos liberais dos segundos, em prol de uma luta utópica contra a elitização dos partidos, apesar de tenderem a isso e uma luta anticomunista.

FONTES

JORNAL A CIDADE, Guarapuava, n. 5-156, ago. 1933/dez. 1936 - Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e Centro de Documentação e Memória (CEDOC) - Universidade Estadual do Centro-Oeste/PR (UNICENTRO), Guarapuava/PR (fotografia digital).

JORNAL FOLHA DO OESTE, Guarapuava, n.1 ao 52, fev. 1937/mar. 1938 - Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e Centro de Documentação e Memória (CEDOC) - Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Guarapuava/PR (fotografia digital).

Processo Crime nº 937.2.22.95, caixa 112, Guarapuava, 1937 - Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e Centro de Documentação e Memória (CEDOC) - Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Guarapuava/PR (fotografia digital).

Processo Crime nº 939.2.2440, caixa 120, Guarapuava, 1938 - Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava e Centro de Documentação e Memória (CEDOC) - Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Guarapuava/PR (fotografia digital).

REFERÊNCIAS

ATHAIDES, Rafael. **As paixões pelo sigma: afetividades políticas e fascismos**. 2012. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. **Sob a sombra do Eixo. Camisas-verdes e o jornal integralista Ação (1936-1938)**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

BERTONHA, João Fabio. Entre Mussolini e Plínio Salgado: O Fascismo italiano, o fascismo e o problema dos descendentes italianos no Brasil. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 21, n. 40, p. 85–105, 2001.

BERTONHA, João Fabio. **Sobre a direita: estudos sobre o fascismo, o nazismo e o integralismo**. Maringá: UEM, 2008.

BERTONHA, João Fabio. **Plínio Salgado: Biografia Política (1895-1975)**. 2013. Tese de Livre Docência em História (História do Brasil Independente) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BERTONHA, João Fabio. **Integralismo: Problemas, perspectivas e questões**

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

historiográficas. Maringá: EDUEM, 2014.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política.** São Paulo: Editora da UNESP, 1995.

BONAZZI, Ticiano. Conservadorismo. *In:* BOBBIO, NORBERTO; MATTEUCCI, NICOLA; PASQUINO, Giafranco (org.). **Dicionário de Política.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 242–246.

BORGES, Vavy Pacheco. Anos Trinta e política: história e historiografia. *In:* FREITAS, Marcos Cezar (org.). **História e Historiografia.** 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 159–182.

CARONE, Edgar. **A República Nova (1930-1937).** São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1974.

CARONE, Edgar. **A Primeira República (1889-1930).** São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1976.

CHASIN, J. **O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hipertardio.** Belo Horizonte; São Paulo: UMA Editora; Estudos e Edições Ad. Hominen, 1999.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista. *In:* **Ideologia e Mobilização Popular.** Rio de Janeiro: Paz e terra e Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, 1978. p. 17–149.

CRUZ, Natália dos Reis. **O Integralismo e a questão racial: a intolerância como princípio.** 2004. Tese (História Política) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

DUVERGER, Maurice. **Os Partidos Políticos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930: história e historiografia.** São Paulo: Brasiliense, 1970.

FAUSTO, Boris. **Pequenos ensaios da História da República (1889-1945).** São Paulo: Cebrap, 1972.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil.** São Paulo: DIFEL, 1959.

GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a política e o Estado Moderno.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

INCISA, Ludovico. Corporativismo. *In:* **Dicionário de Política.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998. v. 1p. 297–291.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LEAL, Vctor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

LIMONGI, Fernando Papaterra. “O Federalista”: remédios republicanos para males republicanos. *In*: WEFFORT, Francisco C. (org.). **Os Clássicos da política**. 14. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001. v. 1p. 243–287.

LIPSET, Seymour Martin Lipset; ROKKAN Stein. **Party Systems and Voter Alignments**. New York: Free Press, 1967.

LÖWY, Michael. Conservatism and far-right forces in Europe and Brazil. **Serviço Social & Sociedade**, [S. l.], n. 124, p. 652–664, 2015.

PANDOLFI, Dulce Chaves. O anos 1930: as incertezas do regime. *In*: DELGADO, LUCILIA DE ALMEIDA; FERREIRA, Jorge (org.). **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p. 13–38.

PASCHOALETO, Murilo Antonio. E o mundo reage: uma análise das percepções internacionais integralistas a partir do jornal A Offensiva (1934 – 1935). *In*: GONÇALVES, LEANDRO P.; SIMÕES, Renata D. (org.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. p. 105–132.

PASQUINO, Gianfranco. **Curso de Ciência Política**. Cascais: Principia, 2002.

SACCOMANI, Edda. Fascismo. *In*: BOBBIO, NORBERTO; MATTEUCCI, NICOLA; PASQUINO, Gianfranco. (org.). **Dicionário de Política**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998. p. 466–475.

SEGRILLO, Angelo. A Confusão Esquerda/Direita no Mundo Pós-Muro de Berlim: Uma análise e uma hipótese. **DADOS: Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 47, n. 3, p. 615–632, 2004.

SILVA, Walderez Pohl. Guarapuava: sob o signo do Sigma. *In*: SEBRIAN, RAPHAEL N.; PIRES, ARIEL J.; GANDRA, EDGAR A.; COSTA, Flamarion L. (org.). **Ofício do Historiador**. Guarapuava: Unicentro, 2007. p. 171–188.

SILVA, Walderez Pohl. **De Lustosa a João do Planalto: a arte política na cidade de Guarapuava (1930-1970)**. Guarapuava: Unicentro, 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação Histórica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1975.
SOUZA, Francisco Martins De. O Integralismo. *In*: BARRETTO, VICENTE; PAIM, Antônio (org.). **Evolução do Pensamento Político Brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989. p. 313–343.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

STOPPINO, Mario. Autoritarismo. *In*: BOBBIO, NORBERTO; MATTEUCCI, NICOLA; PASQUINO, Giafranco (org.). **Dicionário de Política**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998. p. 94–104.

TRINDADE, Hélio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930**. 2ª ed. São Paulo: DIFEL, 1979.

VASCONCELLOS, G. **A ideologia curupira: análise do discurso integralista**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

VESENTINI, CARLOS ALBERTO; DECCA, Edgar S. de. A Revolução do Vencedor. **Contraponto**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 60–71, 1976.

WOOD, Ellen M. **The Retreat from Class: a new ‘true’ Socialism**. London/New York: Verso, 1998.